

CONFISSÃO DE NATANAEL (JO 1, 43-51) E O MODO DA REVELAÇÃO NO QUARTO EVANGELHO

*Ramiro Mincato**

Resumo

A linguagem simbólica é necessária para se poder dizer “Deus”. Os títulos cristológicos do Quarto Evangelho comunicam a verdade de Jesus nessa linguagem própria. O artigo visa o significado dos títulos empregues na períclope da confissão de Natanael (1, 43-51), em vista de descobrir como a comunidade passou da baixa para a “alta cristologia”, e como essa “alta cristologia” mantém seu interesse na construção histórica do Reino de Deus, objeto primordial da pregação de Jesus nos Sinóticos.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem simbólica. Títulos cristológicos. Quarto Evangelho. Confissão de Natanael. Baixa cristologia e “alta cristologia”. Reino de Deus.

Abstract

The symbolical language is necessary in order to say “God”. The Christian titles in the Fourth Gospel communicate symbolically Jesus’ truth. This paper aims to study the significance of the titles used in John’s Gospel (1, 43-51), where is narrated Nathanael’s confession, in view of discovering how the community has made the transition from the low to the high Christology and how this high Christology maintains its interest in the historical construction of God’s Kingdom, the principal purpose of Jesus’ preachment in the synoptic Gospels.

KEYWORDS: Symbolical language. Christological titles. Fourth Gospel. Nathanael’s confession. Low and high Christology. Kingdom of God.

* Professor de Teologia na FATEO – PUCRS.

A mensagem do Evangelho destina-se a todos os povos e épocas. A dois mil anos de distância, nossa época complexa, fragmentada, carregada de crise de sentido, de mudanças vertiginosas, com sensação de perda das tradições culturais, deve procurar *seguir* Cristo, reinterpretando-o para dentro da nossa história. É no aqui e agora que devemos aceitar ou não o convite para sermos discípulos de Cristo, discernindo, para isso, os “sinais dos tempos”, à luz do Espírito Santo, em vista do Reino, comunicado por Jesus, que veio, nas palavras joaninas, “para que todos tenham vida, e a tenham em plenitude” (cf. *Jo* 10,10).

O estudo do Quarto Evangelho nos colocará diante de problemas de relevo universal, importantes no I e II séculos, mas que são importantes em todos os tempos e lugares onde se propõe buscar uma compreensão de Deus dentro dos parâmetros da revelação cristã. Como ser discípulo hoje e transmitir a verdade de Cristo? Para responder a essa pergunta, devemos verificar como os primeiros cristãos transmitiram a verdade sobre Cristo. Essa resposta nós a encontramos nos Evangelhos e demais escritos do Novo Testamento. É o Cristo anunciado pelos apóstolos que chega até nós, por meio dos Evangelhos escritos. Em última análise, a pergunta de fundo, que sempre se põe de novo, é sobre a possibilidade de “dizer” Deus, isto é, fazer uma “teologia”, propriamente dita. Como fazer isso? Existe um tipo de linguagem humana apta a essa finalidade teológica? Qualquer tipo de linguagem pode transmitir a verdade “teológica”? Como é possível “falar” de Deus? E, se possível, em que termos e com quais instrumentos? Essas perguntas devem ser feitas, porque falar de Deus, de maneira direta, é impossível. Deus é, por definição, alguma coisa da qual não existe outro exemplar. Para falarmos de alguém que não conhecemos, se for uma pessoa humana, podemos fazê-lo por comparação com outra semelhante. Fulano é mais alto, mais magro, que sicrano. Mas Deus não pode ser descrito desse modo. Só podemos falar dele fazendo comparações com coisas que são totalmente diferentes dele. Podemos dizer que ele, o criador, é semelhante à luz, que Ele criou. Não é uma comparação plenamente significativa, mas uma linguagem simbólica desse tipo é necessária¹.

É claro que não vamos resolver todos esses problemas, nem do ponto de vista filosófico, nem exegético, mas queremos verificar de que modo o

¹ Cf. BARRETT, Ch.K. *Il Vangelo di Giovanni fra Simbolismo e Storia*. Torino: Claudiana, 1983, p. 5-23, p. 10.

quarto evangelista comunicou a verdade teológica, a partir do encontro de Natanael com Jesus (Jo 1, 43-51). A linguagem simbólica caracteriza o Quarto Evangelho, e o símbolo funciona para expressar a verdade de Jesus².

1 Linguagem mítica para expressar a história

O Quarto Evangelho relata, depois do Prólogo, o que aconteceu desde os dias de João Batista (Jo 1, 19-36) até ao dia em que o Senhor Jesus passou para a glória do Pai (Jo 20, 17; cf. At 1, 21-22). Essa narrativa evangélica reproduz, sem dúvida, um esquema mítico, que foi também usado pela mitologia gnóstica³, do Redentor “que desce do céu e sobe para o céu”. O último versículo narrativo do Evangelho é uma bem-aventurança para aqueles que creram sem ter visto (Jo 20, 29), isto é, para aqueles que crêem, quando Jesus não é mais tangível, não está mais presente no palco da história, já voltou ao Pai. O *Logos* divino veio ao mundo desde “cima”, de fora, “mas os seus não o receberam” (cf. Jo 1, 11). Depois dessa revelação inicial no Prólogo, todo o corpo do Evangelho vai repetir continuamente que ele veio para fazer a vontade do Pai que o enviou, e que voltará à glória que tinha junto do Pai antes que o mundo existisse: “Ninguém subiu ao céu, senão aquele que desceu do céu” (3, 13). O movimento de “subir” ao céu e “descer” para a terra é representado pela figura do Filho do homem⁴. Esse título incorpora o tema da origem e destino celeste de Jesus, que, com frequência significativa, é apresentado em termos de “descida” e “subida”, aplicando-lhe com isso a noção de preexistência, messianismo e filiação⁵. A volta para o outro mundo se dá por meio da elevação na cruz que ocorrerá quando a “hora” chegar.

² Para a questão do “símbolo”, não é possível aqui apresentar a variegada teoria dos especialistas, mas basta, para compreender sua função, verificar a apresentação de LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João*. São Paulo: Loyola, 1996, v. I, p. 24-26.

³ Sem entrar na questão do “mito gnóstico do Redentor”, cuja documentação literária é posterior ao Quarto Evangelho, cf. BARRETT, Ch. K. *Il Vangelo di Giovanni fra Simbolismo e Storia*. Torino: Claudiana, 1983, p. 5-23, p. 15.

⁴ São treze ocorrências desse título no Quarto Evangelho, e formam um conjunto coerente e bem-entretido (cf. SCHNACKENBURG, R. *El Evangelio según San Juan*. I. Barcelona: Herder, 1980, p. 532).

⁵ Cf. ASHTON, J. *Comprender Il Quarto Vangelo*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2000, p. 321-322.

Ora, a figura do Filho do homem não vem da área da mitologia gnóstica, como o mito do Redentor, mas está ligada à área da escatologia do Antigo Testamento. O simbolismo temporal na escatologia judaica expressa-se do seguinte modo: o passado pertence a Deus, como criador; o presente está suspenso, em luta, porque os poderes do mal combatem com Deus; e o futuro pertence a Deus, como juiz e libertador. A escatologia cristã primitiva rompeu esse esquema, afirmando que a batalha decisiva do confronto entre Deus e o mal teve lugar na vida, morte e ressurreição de Jesus. Este, tendo ressuscitado, reina até que todos os seus inimigos, inclusa a morte, sejam postos sob os seus pés (*1Cor 15, 25*). O evangelista joanino desenvolveu ainda mais o simbolismo temporal, descrevendo uma antecipação do futuro no presente da história terrena de Jesus: “Mas vem a hora – e já é chegada – na qual os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade” (*Jo 4, 23*; também *5, 21*). Em outras palavras, *a história de Jesus* é uma antecipação dos acontecimentos finais e é definitivamente decisiva⁶.

Vejamos, então, como funciona, no Quarto Evangelho, a confissão de fé de Natanael e a declaração de Jesus autodenominando-se Filho do Homem.

2 Contexto da confissão de Natanael

O quarto dia da semana inaugural do Evangelho (1, 19-2,11)⁷, apresenta uma narrativa dividida em duas partes: na primeira, o encontro de Jesus com Filipe (1, 43-44) e, na segunda, Filipe vai falar disso a Natanael e o encontro deste com Jesus (1, 45-51). O contexto é o da vocação dos primeiros discípulos. Natanael é o centro da atenção do evangelista, pois ocupa o maior espaço da narração: primeiro Filipe vai ter com ele e anuncia que encontrou Jesus. Natanael responde-lhe com desdém, mas acaba aceitando o convite que Filipe lhe faz: “Vem e vê” (*Jo 1, 45-46*). O encontro com Jesus é marcado pelo olhar e pelo elogio que Jesus lhe dirige, pelo diálogo entre os dois e pela confissão de fé de Natanael (*Jo 1, 47-49*). O

⁶ Sobre a escatologia realizada em João, cf. MINCATO, Ramiro. Escatologia no Quarto Evangelho: o reino já chegou. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis: Vozes, 2006, n. 93, p. 51-58.

⁷ Cf. KONINGS, J. *Evangelho segundo João: Amor e Fidelidade*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 94.

final da perícopre conclui com a resposta de Jesus que lhe anuncia uma futura revelação, ainda maior, precedida por um solene “Amém, amém”, sobre o “Filho do Homem” (vv. 50-51).

A confissão de Natanael, ápice das confissões cristológicas dos discípulos na Introdução do Evangelho – *Rabi, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel* (1, 49) – é uma afirmação cristológica tradicional. Analisada junto com a perícopre precedente (1, 35-42)⁸, as duas parecem paralelas, mas, olhadas mais de perto, demonstram uma estrutura crescente em espiral⁹:

- A – João Batista testemunha sobre Jesus, “Cordeiro de Deus” (1, 35-36)
 - B – Chamada dos primeiros dois discípulos (1, 37-39)
 - C – André anuncia a Simão que encontrou o “Messias” (1, 40-41)
 - D – O Encontro de Simão Pedro e Jesus (1, 42)
 - B’ – Chamada de Filipe (vv. 43-44)
 - C’ - Filipe anuncia a Natanael que encontrou o “Messias” (vv. 45-46)
 - D’ – O Encontro de Natanael com Jesus e confissão “Filho de Deus” e “Rei de Israel” (v. 47-50)
 - E - Jesus anuncia sua revelação futura como “Filho do homem” (v. 51).

A estrutura em espiral confirma e reforça o crescendo dos títulos cristológicos atribuídos a Jesus, o que insinua a superioridade do título “Filho do Homem” com relação aos de “Messias”, “Rei de Israel” e “Filho de Deus”. Na primeira parte, quando trata do testemunho de João Batista

⁸ Conferir análise da estrutura e teologia em MINCATO, Ramiro. O Título “Filho de Deus” em Jo 1, 34-39: Estrutura e Teologia da perícopre. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 35, n. 150, p. 839-854, dez. 2005.

⁹ É característico do narrador não pensar de forma linear, mas em forma espiral; cf. KYSAR, R. *The Fourth Evangelist and His Gospel. An Examination of Contemporary Scholarship*, Minneapolis 1993, p. 176.

(1, 19-34), a confissão cristológica culminante é o título “Filho de Deus” (1,34), paralelo a “Cordeiro de Deus” (1, 29). Ambos esses títulos são messiânicos. A segunda parte, que trata da vocação dos primeiros discípulos (1,35-51), o narrador inicia com o título “Cordeiro de Deus” (1, 36), na boca de João Batista, passa por “Rabi” (1, 38), na boca dos discípulos, e um desses chega à confissão de “Messias” (1, 41), figura que teria revelado a Israel todas as coisas (cf. 4, 25)¹⁰, de quem falou Moisés na Lei e nos Profetas (Sagradas Escrituras): é Jesus de Nazaré (1, 45). Este homem que os “Judeus” recusaram, porque conheciam sua origem (cf. 7,25-52), é o “Filho de Deus” e “Rei de Israel” (1, 49). Dessa culminância messiânica, subindo mais um degrau na revelação, o evangelista o apresenta com o título “Filho do Homem” (1, 51). Podemos dizer que estruturalmente a primeira perícopes culmina com o título “Filho de Deus” (1,34) e a segunda com o “Filho do Homem” (1, 51)¹¹.

Em torno aos conceitos de “Filho de Deus” e “Filho do Homem” gira o conceito de *preexistência*. João Batista diz que “*existia antes de mim*” (1, 30) e, mais adiante, não fala de Messias, mas de “esposo” do povo de Deus (3, 29). Ora, a imagem veterotestamentária do “esposo” é reservada a Javé (cf. *Os* 2, 4ss; *Ez* 16,8ss; *Is* 54, 5). “Esposo”, portanto, aponta para a divindade de Jesus, pois Jesus vem do alto, dos céus, do mundo divino (3, 31). A imagem de vir do alto já fora preanunciada narrativamente na figura do “Filho do Homem” em 1, 51. O conceito de divindade não foi acentuado no primeiro testemunho do Batista, que queria exatamente demonstrar o *Messianismo* de Jesus. Com o título “Filho do Homem”, o evangelista quer levar à compreensão de que em Jesus nós temos uma verdadeira *revelação* do Pai – “céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo” – pois, como já fora dito no Prólogo, “ninguém jamais viu a Deus, o Filho único que está no seio do Pai, no-lo revelou” (1, 18).

3 Filho de Deus e Rei de Israel na boca de Natanael

A missão de João Batista foi realizada na proclamação de Jesus como “Filho de Deus”. Esse mesmo título ocorre também na confissão de Natanael

¹⁰ À samaritana Jesus revela ser ele mesmo o Messias (cf. 4, 26).

¹¹ Sobre a primeira perícopes, cf. MINCATO, Ramiro. O Título “Filho de Deus” em Jo 1, 29-34: Estrutura e Teologia da perícopes. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 35, n. 150, p. 839-854, dez. 2005.

(σὺ εἶ ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ), com o acréscimo: tu és o rei de Israel (σὺ βασιλεὺς εἶ τοῦ Ἰσραήλ), a última de uma série de confissões feitas pelos discípulos.

A confissão de Natanael, nitidamente messiânica pelo acréscimo “rei de Israel”, aponta para uma característica do Messias que sabe todas as coisas (cf. Jo 4, 25). Diante da pergunta, “de onde me conheces?” (πόθεν με γινώσκεις; 48), Jesus responde: “Quando estavas sob a figueira, eu te vi”. Natanael se espanta pelo conhecimento que Jesus tem dele, e é esse conhecimento sobrenatural de Jesus que provoca o reconhecimento em Natanael que lhe dá a mais alta distinção e reconhecimento. Ao proclamá-lo “Rei de Israel”, ele o reconhece como Messias. No quadro judeu da época, a dupla confissão de Natanael tem origem no Sl 2, 6-7: “Fui eu que consagrei o meu rei sobre Sião... Tu és meu filho, eu hoje te gerei”. Ao entronizar o rei Davi, Deus o declara seu filho. Natanael reconhece uma proximidade singular de Jesus com Deus, a mesma proximidade do Messias davídico.

A frase enigmática (simbólica) – “quando estavas sob a figueira, eu te vi” – não se refere somente a um episódio concreto da vida de Natanael, “mas trata-se do ‘estudo da Lei’, como diz o Rabi Aqiba, pois, no judaísmo, a figueira se havia tornado a árvore do conhecimento da felicidade e da desgraça. A frase insinuará que, estudando a Lei, Natanael se preparara para encontrar o próprio Jesus”¹². Ele é “aquele de quem está escrito na lei de Moisés e nos profetas... Jesus, o filho de José, de Nazaré” (1, 45). Mas a verdade de Jesus deverá ser conhecida plenamente pela revelação do “Filho do Homem”, que ultrapassa o conceito de Messias.

4 A autodenominação de Jesus como “Filho do Homem”

O simbolismo da figura do Filho do Homem possui caráter *revelatório*, como vimos acima. De qualquer modo, a figura do *revelador* exige que ele venha da parte de Deus e, por isso, seja preexistente¹³, o que fica explícito nesse título, pois remete àquela figura que será vista “vindo sobre as nuvens com grande poder e glória” (cf. Mc 13, 26), e nisso há uma clara dependência

¹² Cf. LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho segundo João I*, p. 154.

¹³ Cf. MOLONEY, F.J. *The Johannine Son of Man*. Roma: Libreria Ateneo Salesiano, 1978, p. 36-41.

da visão de Daniel (7, 13s.)¹⁴. No Quarto Evangelho, portanto, “Filho do Homem” indica a “alta cristologia”¹⁵ do evangelista marcada pela solene introdução do duplo ἀμὴν ἀμὴν λέγω ὑμῖν¹⁶, que fundamenta as grandes formulações cristológicas do Evangelho¹⁷. Aqui ele não possui explícitas referências à “exaltação” ou “glorificação”, típicas das outras ocorrências, mas já há a promessa das “coisas maiores que serão vistas”. O estreito e contínuo contato do “Filho do Homem” com os “céus” insinua sua origem e finalidade, apresentando admiravelmente ao leitor o único *revelador* joanino, Jesus de Nazaré, o “Filho do Homem”¹⁸.

Em Daniel a figura do “Filho do Homem” funciona como um símbolo da vitória do povo de Deus (nunca identificado com uma pessoa histórica) e por isso no Novo Testamento foi identificado com o Messias, o agente futuro do Reino de Deus. Não há dúvida de que no grego do Novo Testamento ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου corresponde à expressão aramaica ܫܢܝ ܒܪ ܐܢܝܢ de Daniel 7, 13, que significa *um homem*, assim como (בן-אדם) no hebraico que corresponde a *humanidade* compreendida coletivamente, ou em Ezequiel que indica o profeta como *representante* do povo para quem ele foi enviado¹⁹. O título, mesmo possuindo conotações messiânicas, aponta para sua dimensão divina. O céu aberto é a possibilidade de conhecer os mistérios de Deus que serão revelados e a figura do “Filho do Homem”, em seguida indicado como aquele que “desceu do céu” (cf. 3, 13).

A imagem dos anjos *descendo* e *subindo* sobre o “Filho do Homem” já foi preparada pelo testemunho de João Batista que viu o Espírito Santo que *desce* e *permanece* sobre Jesus (1,32). Em 1, 51 são os anjos que sobem e descem sobre o “Filho do Homem”, mas, na maioria das outras

¹⁴ O narrador utiliza este título em dependência dos Sinóticos que, por sua vez, dependem de Dn 7. Contra essa opinião da dependência de Dn 7, propondo outra passagem (Sl 80), cf. DODD, C.H. *Interpretación del Cuarto Evangelio*. Madrid: Cristiandad, 1978, p. 249 n.9.

¹⁵ O v. 51 é provavelmente um acréscimo editorial, conforme o demonstra MOLONEY, F.J. *The Johannine Son of Man*, Roma 1978, p. 24-25.

¹⁶ O duplo “Amém” é encontrado somente no Quarto Evangelho, em todo o Novo Testamento.

¹⁷ Cf. LINDARS, B. *Behind the Fourth Gospel, Studies in Creative Criticism 3*, London 1971, p. 52.

¹⁸ Cf. MOLONEY, F.J. *The Johannine Son of Man*, Roma 1978, p. 41.

¹⁹ Cf. LINDARS, B. *Jesus Son of Man. A Fresh Examination of the Son of Man Sayings in the Gospels in the Light of Recent Research*, p. 3.

passagens do título, é o próprio Jesus que “desce do céu” e “sobe ao céu”. As mesmas palavras que indicam o itinerário de Jesus *subindo* ou *descendo* topograficamente na geografia da Palestina servem para lembrar constantemente a celestial κατάβασις (descida) e ἀνάβασις (subida) de Jesus, próprias da “alta cristologia”²⁰.

5 A cristologia joanina entre a simbologia e a história

Reconhecer Jesus como “Messias” é parte da formulação da fé em Jesus e revelar que Jesus é “o *Messias* e *Filho de Deus*” é a finalidade primária do Evangelho (cf. 11.27; 20, 31)²¹, que quer revelar a divindade de Jesus de Nazaré, insinuada na *preexistência*, *conhecimento sobrenatural* e especialmente no título “Filho do Homem” (1, 51)²². Não importa que, do ponto de vista histórico, o título Filho de Deus fosse simplesmente messiânico na época do judaísmo pré-cristão²³. Na boca de Natanael, no entanto, o título quer ultrapassar o sentido estritamente messiânico da tradição bíblica e judaica²⁴. Jesus não rejeita este reconhecimento messiânico de Natanael, como também não irá se subtrair do entusiasmo da multidão²⁵, mas anuncia uma nova fase na descoberta da sua identidade: μείζω τούτων ὅλην (*verás coisas muito maiores*; 1, 50). Na teologia da comunidade joanina, o título “Filho de Deus” adquirirá um significado mais profundo de “filiação divina”, com significado metafísico. Chama a atenção o empenho do evangelista em nunca deixar a expressão “Messias” isolada, para impedir que a cristologia tenha um significado meramente terrestre e nacional. O evangelista quer preparar os espíritos para que Jesus seja compreendido

²⁰ Cf. STIBBE, M.W.G. *John*, Sheffield: Sheffield Academic Press, 1996. p. 40-41.

²¹ Cf. MATEOS, J.; BARRETO, J. *Vocabulário Teológico do Evangelho de São João*, São Paulo 1980, verbete “Messias” p. 179.

²² O título “Filho do Homem” pode significar simplesmente o “Messias”. A preexistência, como vimos acima, pode ser aplicado a uma criatura. O conhecimento sobrenatural era um atributo do Messias, conforme a afirmação da Samaritana em 4, 25: “Eu sei que um Messias deve vir – aquele que chamam Cristo. Quando ele vier, anunciar-vos-á todas as coisas”. A mesma idéia é repetida em 4, 29: “Vinde ver um homem que me disse tudo o que eu fiz. Não seria ele o Cristo?”

²³ Cf. PANIMOLLE, S.A. *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni I*, p. 179-180

²⁴ Cf. 2 Sm 7, 14; Sl 2, 6-7; 89, 27; 1Henoc 105, 2; 4 Esd 7, 28-29; 13, 32.37.52; 14, 9).

²⁵ Como fez, por exemplo, depois da multiplicação dos pães (cf. 6, 14-15).

como “Filho de Deus”, em sentido próprio²⁶. A confissão de Natanael não reconheceu a plena dignidade (*metafísica*) de Jesus como “Filho de Deus”, pois neste caso Jesus não teria anunciado uma revelação ainda mais profunda sobre si (cf. 1, 50-51). Os leitores são levados assim a uma inteligência mais profunda de Jesus, pois o céu aberto indica o início da manifestação de Deus, ou seja, o dom da sua revelação²⁷. A plena revelação de Deus se dará no “Filho do Homem”²⁸.

A apresentação de Jesus deu-se por meio da linguagem simbólica também presente nos títulos cristológicos. Os símbolos não podem ser arbitrários. Deve haver certo grau de coerência entre símbolo e realidade. Não se pode usar qualquer imagem num discurso sobre Deus.

Por trás do simbolismo do Filho do Homem, por exemplo, está a imagem de que Jesus é preexistente, foi “enviado” pelo Pai, e voltará ao Pai depois de cumprida sua missão sobre a terra. É o que lemos em *Jo* 8, 28-29: “Quando tiverdes elevado o Filho do Homem, conhecereis que ‘Eu sou’ e que eu não faço nada por mim mesmo: eu digo o que o Pai me ensinou. O Pai que me enviou está comigo...”. Essa passagem expressa a atitude de dependência e obediência de Jesus com relação a outro, que é diferente dele, o Pai. E em 13, 29 há um paralelismo de envios sem identidade entre os personagens: “Amém, Amém, quem receber aquele que eu enviar, receberá a mim mesmo. E quem me receber, receberá Aquele que me enviou”. As duas frases paralelas interpretam-se reciprocamente:

²⁶ Cf. LAGRANGE, P.M.-J. *Evangile selon Saint Jean*. 18. ed. Paris, 1948, p. CLV. Cf. SCHNACKENBURG, R. *El Evangelio según San Juan I*, Barcelona, 1980, p. 353.

²⁷ Cf. Is 63, 15; Ez 1,1.

²⁸ A ressonância cristológica de 1, 51 em referência a *Gn* 28, 12 é confirmada pelo *Targum Neofiti* com a seguinte paráfrase: “Ele teve um sonho e eis que uma escada estava apoiada na terra, cuja extremidade atingia a curva dos céus. E eis que os anjos que o acompanhavam da casa de seu pai anunciam aos anjos de cima dizendo: ‘vinde e vede o homem justo cuja imagem está esculpida sobre o trono da glória, aquele que desejáveis ver’. E os anjos que estavam diante do Senhor subiam e desciam e o contemplavam”. Na interpretação targúmica os anjos sobem e descem, porque desejam ver Jacó. Na transposição evangélica é Jesus que toma o lugar de Jacó. Como Jacó é o homem justo acompanhado de anjos, cuja imagem está esculpida no trono de Deus, assim Jesus é o “Filho do Homem” que desceu do céu (cf. NEYREY, J.H. *The Jacob Allusions in John 1, 51. The Catholic Biblical Quarterly*, Washington-DC, v. 44 p. 586-605, 1982).

aqueles que Jesus envia não são idênticos a ele, mesmo que tenham seu mandato, pronunciem suas palavras e sigam suas ordens. Do mesmo modo Jesus não se identifica com o Pai, mas foi mandado por ele, pronunciou as suas palavras e seguiu suas ordens. Jesus é apresentado, no Quarto Evangelho, como o representante autorizado do Pai. Jesus não é o Pai, mas revela o Pai, é o símbolo do Outro. Símbolo e realidade se pertencem mutuamente²⁹. Essas imagens estão a serviço da cristologia. Jesus é uma imagem visível do Pai invisível: “Aquele que me viu, viu o Pai” (Jo 14, 6). O próprio Jesus é conhecido por uma série de imagens e símbolos (luz, água, videira, pastor, caminho, verdade, vida) e ele mesmo é um símbolo, por meio do qual se conhece o Pai.

“Pai” é um símbolo aplicado diretamente a Deus, implicado também nos títulos da filiação divina (Filho de Deus, Filho do Homem, Filho), mas o significado de “Pai” não é aplicável aos cristãos ou a todos os seres humanos, mas é “Pai” de Jesus³⁰. A simbologia do “Filiação”, portanto, usada na relação de Jesus e o Pai, aponta para o significado da relação única entre ambos, e acena a Jesus de novo como aquele que conhece o Pai³¹.

Além disso, o uso joanino de “Filho do Homem” está concentrado na idéia da “salvação”. Indica a idéia de movimento – de descida para a terra e subida para o céu (cf. Jo 3, 13) – pois o Filho do Homem vai voltar ao lugar onde estava antes, por meio da morte, como a serpente de Moisés, que é a própria imagem da morte, para que todo aquele que crê tenha a vida eterna (Jo 3, 14-15). A vida eterna consiste em crer naquele que morreu elevado na cruz. A mesma observação se faz em 6, 53: “Amém, Amém, se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue não tereis a vida em vós”. Em resumo, na compreensão joanina, o Filho do

²⁹ Cf. BARRETT, Ch.K. *Il Vangelo di Giovanni fra Simbolismo e Storia*. Torino: Claudiana, 1983, p. 5-23, p. 13.

³⁰ Quando o Evangelho aplica o significado de filiação divina aos homens, usa um termo diferente do aplicado a Jesus. Para Jesus é υἱός, e para os homens, τέκνον (cf. BENDAR B., ‘Sons of God’ – ‘Seed of Abraham’. *A Study of the Idea of the Sonship of God of All Christians in Paul against the Jewish Background*. Roma: Pontificio Istituto Biblico, 1979. *Analecta Biblica* 83.

³¹ A mesma observação cabe na imagem usada para Deus em Jo 15, 1: “Eu sou a verdadeira vinha, e meu Pai é o vinhateiro”. Comparece aqui o termo “Pai”, mas, além disso, a relação entre vinha e vinhateiro é análoga à relação do Pai com o Filho.

homem é aquele que, morrendo, dá a sua carne e o seu sangue para a vida do mundo³².

Em *Jo* 1, 51, por ser a primeira ocorrência, pode-se ver uma apresentação válida para todo o Evangelho. Os anjos que sobem e descem sobre o Filho do Homem evocam, em primeiro lugar, a escada de Jacó (*Gn* 28). A escada com uma extremidade sobre a terra e a outra apoiada nas nuvens do céu funde-se na imagem do Filho do Homem, e os anjos que sobem e descem entregam a mensagem confiada a eles. Qual é a mensagem? Que não há nenhuma outra estrada entre o céu e a terra fora do Filho do Homem. E o céu está agora permanentemente aberto. Portanto, o Filho do Homem é o *locus* da revelação. Estas são as coisas maiores que *vós vereis*. Nesta promessa o evangelista passou do singular ao plural, e fazendo isso o evangelista está deliberadamente estendendo a promessa feita a Natanael (*verás* = ὄψηται) a um público mais vasto (*vereis* = ὄψεσθε), não só aos discípulos presentes na cena, mas aos destinatários do Evangelho³³.

A idéia do movimento da figura do Filho do Homem, portanto, no pensamento joanino, comporta que ele é o meio pelo qual os homens têm comunhão com Deus. O Filho do Homem é a escada sobre a qual se movimenta o tráfego angélico. É ele que une o céu e a terra, porque ele sobe e desce (cf. *Jo* 3, 13). O paradoxo da simbologia aqui é que o Filho do Homem está no céu também quando está na terra. A mítica – ou histórica – descida e subida é tal que o Filho do Homem se encontra efetivamente nos dois âmbitos ao mesmo tempo: no topo e na base da escada. Essa desmitificação da escada é fiel ao pensamento joanino e nela encontra-se a idéia da salvação.

Em resumo, portanto, o Evangelho não é uma revelação abstrata, mística, desligado da história da comunidade. O fato é que o evangelista reconhece implicitamente que o mundo assim como está não corresponde ao mundo como a Palavra o havia criado (cf. *Jo* 1, 1-3). “Ele veio para o que era seu, e os seus não o acolheram” (*Jo* 1, 11). A “Palavra”, e Deus por meio dela, não se faz conhecer simplesmente na criação, mas na sua missão

³² A mesma afirmação encontra-se em 6, 41 (“o pão da vida *descido* do céu”) e 6, 62 (“Isso vos escandaliza? E se vísseis o Filho do Homem subir para onde estava antes?”)

³³ Cf. ASHTON, J. *Comprendere Il Quarto Vangelo*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2000, p. 321-329.

encarnada e salvífica (cf. *Jo* 1, 14). Como expressar tudo isso? Não era suficiente um processo de automanifestação de Jesus. Quais são os meios de expressão que asseguram uma aceitação universal? A própria linguagem simbólica usada pelo evangelista, não tem, de per si, a força de esclarecer tudo. Pois, tanto o discurso simbólico, como a ação simbólica, podem facilmente separar-se da pessoa que fala ou age produzindo uma incompreensão. “Aquele” que fala ou age é mais importante do que “aquilo” que é dito ou feito. A linguagem simbólica deve recuperar sua aderência à pessoa histórica de Jesus. Por isso é preciso, como o Evangelho o demonstra logo no primeiro capítulo, ir a Jesus, ouvir sua palavra, permanecer com ele. Porque ele é o símbolo do Outro. O símbolo funciona como uma moeda dividida em duas partes, que devem ser colocadas juntas para se identificar aquele que possui a outra parte³⁴. Conhecer Jesus e permanecer com ele significa conhecer Deus e permanecer com Deus. A imagem simbólica dos títulos comunica aos leitores que em Jesus cumpre-se definitivamente a “hora” da salvação na morte na cruz e a volta ao Pai. Jesus é o “revelador” do Pai, é o “símbolo” do Pai. Como tal, a escatologia se realiza no presente histórico. A figura do Filho do Homem, que mantém conotações messiânicas, é símbolo da vitória do povo de Israel. A salvação está num agir histórico, o agir que constrói na terra o Reino de Deus. O Evangelho não quer simplesmente relatar os fatos brutos. O Evangelho quer pôr em destaque seu significado.

O modo de revelação do Quarto Evangelho mostra, fundamentalmente o sentido da vida de Jesus. Quem creu nele teve o poder de se tornar filho de Deus, num determinado contexto da história. É no contexto histórico complexo de hoje que devemos seguir Jesus. Não haverá evangelização, se esta não se encarnar.

A imagem de “Filho de Deus” e “Filho do Homem”, portanto, confirma a visão da escatologia presente no Quarto Evangelho, com a antecipação do futuro no presente, o que valoriza o mundo de baixo, pois é este mundo, que Deus tanto amou, a ponto de mandar seu Filho único para salvá-lo (cf. *Jo* 3, 16).

³⁴ Na literatura grega, o significado de “símbolo” consiste no encontro de duas metades ou pedaços correspondentes de um objeto, que dois contratantes dividiam, cada um deles ficando com uma parte, como prova da identidade de quem se apresentasse com o outro pedaço.